



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Santa Geneveva**

código  
**AIII - F18 - RF**

localização  
**Rodovia RJ-151, Manuel Duarte, 2º distrito de Rio das Flores (trecho entre Manoel Duarte e Três Ilhas)**

município  
**Rio das Flores**

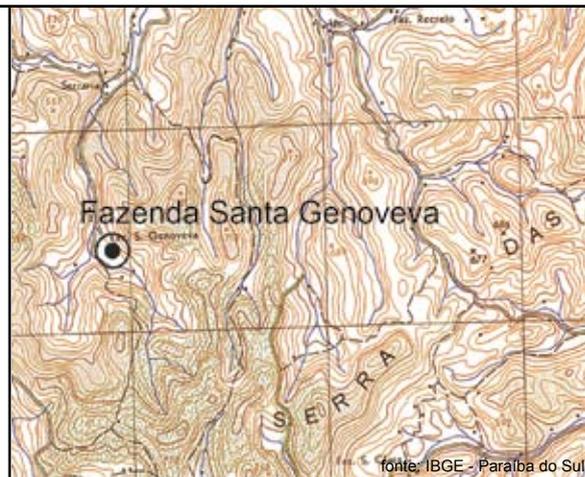
época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Paraíba do Sul



Fazenda Santa Geneveva, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid - fev 2009**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

Seguindo pela rodovia RJ-151 em direção a Três Ilhas, no trecho próximo a Manoel Duarte (2º distrito de Rio das Flores), percorre-se 6,5 km em estrada asfaltada até a entrada para a Fazenda Santa Genoveva. A partir daí, em estrada estreita, de terra batida, bem conservada e asfaltada nos trechos mais íngremes, adiante mais 6,6 km, encontra-se situada a sede, entre morros cobertos de pastagens, mata densa com muitas nascentes e paisagem caracterizada pelo horizonte de mar de morros (f01).

Ainda na entrada, do alto da estrada, podem ser vistas, à direita, algumas das edificações do trato rural (02) e, ultrapassando-se a porteira e a casa do colono, um estreito caminho de pé-de-moleque leva até a sede, cuja visão impressiona pela imponência do solar (f03). Situado num platô com a capela à sua direita, ambas as construções estão voltadas para o vale. Na baixada à frente, instalações de apoio às atividades rurais em geral e à pecuária (f04) ocupam o local dos antigos terreiros de café.

Um bosque das centenárias araucárias australianas – dama robusta (*Agathis robusta*)–, que chegam a atingir 50 metros de altura (f05) misturadas à grande arvoredo com jaqueiras, mangueiras, pitangueiras e goiabeiras,



01



02



03



04



05

concentram-se na encosta imediatamente a frente da capela, formando com a casa-sede um cenário que pode dar uma pálida medida, amparada na iconografia, da pujança dessa unidade agrária no século XIX (f06 e f07). Mantendo conjuntos de edificações assentadas em vários níveis do terreno, tabuleiros que compunham os terreiros de café, senzala, tulha, depósitos e outras habitações, além do luxo e funcionalidade de possuir um sistema de carril, com vagão de tração animal. Em destaque as grandes toras ainda no sopé dos morros, com a mata dando lugar aos cafezais (f08).

Um vasto gramado forra a área frontal do casarão, estendendo-se até a capela. Pela lateral esquerda, um lajeado em pedras chega até a parte térrea do conjunto, aos fundos, que configura a área de serviços da casa, e que define com o corpo principal de dois andares do solar, o formato de um “L” invertido (f09 e f10). Anexos e independentes desse conjunto, nas laterais e ao fundo, há garagens, área de lazer e piscina.



Fazenda Santa Geneveva, s/a, s/d, acervo do proprietário 06



Fazenda Santa Geneveva, s/a, s/d, acervo do proprietário 07



Fazenda Santa Geneveva, s/a, s/d, acervo do proprietário 08



09



10

Uma descida íngreme e sinuosa, com piso misto em pé-de-moleque e asfalto (f11), leva a grande área plana dos currais – com o ribeirão contornando aos fundos – que mantém edificações para ordenha, garagens, serraria, depósitos, casa de colono e as ruínas da tulha (f12). Este era o antigo acesso a sede da fazenda, embelezado pela aléia de Palmeiras Imperiais, conforme se pode observar na foto histórica (f07).



11



12

A casa-sede configura-se como um solar de dois pavimentos de grande beleza e solidez. Apresenta na sua composição arquitetônica apurado ritmo e simetria (f13), caracterizados na fachada frontal pela existência de três tramos principais delimitados por pilastras compósitas, almofadadas em retângulos no térreo e lisas no segundo pavimento. O tramo central mantém sete vãos em cada andar e os laterais, três cada. O porão baixo desenvolve-se sobre base em cantaria e é revestido em argamassa que imita o aparelhamento regular da pedra, mantendo óculos retangulares com cercaduras em pedra para sua ventilação, guarnecidas por grades em ferro fundido. Os cunhais e as pilastras assentam-se sobre socos em pedra e a calçada que margeia toda a edificação tem o piso trabalhado em pedra talhada (f14).

Com estrutura em gaiola de madeira (barrotes, marcos, pilares e frechais), mantém fechamento das paredes em tijolo maciço, sendo as externas pintadas com tinta à base d'água, na cor palha, com esquadrias em azul. O telhado original em quatro águas foi substituído por telhas de amianto, estando oculto por platibanda cega (f15).

No térreo, sobre o eixo de simetria, inscreve-se uma portada de duas folhas com bandeira em arco pleno, ambas almofadadas, e sobreverga em massa, cujos portais são arrematados por cornijas. Seu acesso dá-se por uma escada em pedra lavrada, de dois lances com cinco degraus de bocéis adoçados cada, mantendo patamar de chegada em ladrilho hidráulico e guarda-corpo em ferro fundido trabalhado (f16 e f17), cujos registros mostram ser esse, originalmente, um alpendre a proteger o acesso principal da casa-sede. Complementando o tramo central deste pavimento, há três janelas de cada lado da portada, com vergas e sobre-



13



14



15



17



16

vergas retas guarnecidas por esquadrias em madeira, vidradas para o exterior e em almofadas internamente. Nos tramos extremos, cada qual com três vãos de janelas, esquadrias semelhantes às descritas (f18).

No andar superior, a disposição dos vãos mantém a mesma modulação, porém no centro há um balcão entalado com verga reta, cuja envasadura é vedada por folhas externas em caixilho de vidro e internas almofadadas, sendo guarnecido por guarda-corpo em ferro fundido. Encimando-o, frontão triangular em massa com pequenas mísulas, que se repete em mais duas janelas laterais a este, não contíguas. Todos os demais vãos são de janelas, vedadas por esquadrias externas em madeira veneziana e internas em almofadas. Quase passa despercebido o detalhe de que as quatro janelas que ladeiam as portas centrais têm a largura algo menor que as demais (f19).

As fachadas são marcadas em toda a extensão por frisos contínuos em relevo que separam os pavimentos. As pilastras que delimitam o tramo central apresentam capitéis ornados por folhas de acanto e elemento antropomórfico. Acima destas, cornija ressaltada, entablamento e platibanda cega que é encimada, no alinhamento das pilastras centrais, por compoteiras em massa (f20 e f21).

Chama atenção, na fachada dos fundos, o vão que foi emparedado em detrimento da cumeeira do telhado da área de serviços e da barra que media os pavimentos (f22).



18



20



19



21



22

No pavimento térreo as folhas de abrir externas são de caixilho em vidro e no interior em madeira cega almofadadas, na cor areia. Na fachada de fundos, quatro janelas destoam do conjunto, pois a folha externa tem, na metade, inferior venezianas complementadas com caixilho de vidro. Duas janelas que ficaram sob o telhado da varanda perderam a sobreverga e a base almofadada (f23).

A portada do sobrado abre-se para um luxuoso salão, com requintes de colunas arrematadas com capitéis e arcos plenos, cujas pinturas parietais mesclam nuanças de cores nos murais e rodapés (f24). Nas colunas, portais e caixonetes a pintura nos levam a crer que são revestidas do mais puro mármore (f25). As folhas das esquadrias tem as almofadas delicadamente adornadas, mantendo a tonalidade de cada ambiente.

Voltam-se para o salão, o escritório, uma circulação para quarto e banheiro (f26) e o *hall* da escada que leva ao andar superior, este, com pintura em estêncil nas paredes (f27). A escada de madeira – helicoidal e de lance livre único – apresenta trabalho escultural que a configura como uma verdadeira obra de arte, vencendo o vão de 4,45 metros através de 27 degraus (f28).



23



24



25



26



27



28

Pelas laterais do salão, na parte frontal, tem-se acesso aos corredores que levam às salas de jantar (f29), à direita, e de estar (f30), à esquerda, cada qual com duas alcovas, respectivamente.

A sala de jantar é ricamente decorada com pinturas parietais apresentando o forro em lacunários (espaços entre vigas) ornamentados com frisos e flores. As esquadrias são de verga reta, possuindo bandeira de vidro com caixilho branco, nas alcovas, quarto e banheiro.

A sala de estar ou visitas, junto à sala de jogos, tem paredes forradas por uma bela padronagem de papel e mantém as duas portas para acesso ao quarto e ao corredor, vedadas nas suas faces posteriores com uma falsa parede.

No segundo piso do *hall* de distribuição temos a visão da escada com o guarda-corpo em madeira torneada, as paredes decoradas com pinturas parietais e o forro pintado de branco, emoldurado por cimalha, acompanhando o desenho retangular do vão central da clarabóia, que é fechado com painel de madeira “rendilhada” (f31). Deste *hall* tem-se acesso a um banheiro, ao depósito com escada para o telhado, a suíte (f32) que se interliga com uma saleta, ao quarto e ao longo corredor (f33) que se distribui para mais oito quartos, sala de ginástica e banheiro (f34).



29



30



31



32



33



34

A maioria dos cômodos tem paredes brancas, mas sempre com pinturas decorativas nos panos de peito das janelas e rodapés (f35). O forro saia-e-camisa com cimalkas e as esquadrias de verga reta recebem uma cor e um adorno diferenciados em cada cômodo, bem como o corredor, que tem pintura parietal fingindo mármore. No quarto que possui a porta-janela com balcão voltada à fachada frontal, a pintura interna é feita em estêncil (f36), e o quarto oposto, que dá para os fundos, é o único que mantém papel de parede (f37). As portas são de 2 folhas e verga reta, com bandeiras de vidro, sendo que algumas portas que interligam os quartos tem apenas as folhas cegas e o vão reduzido.

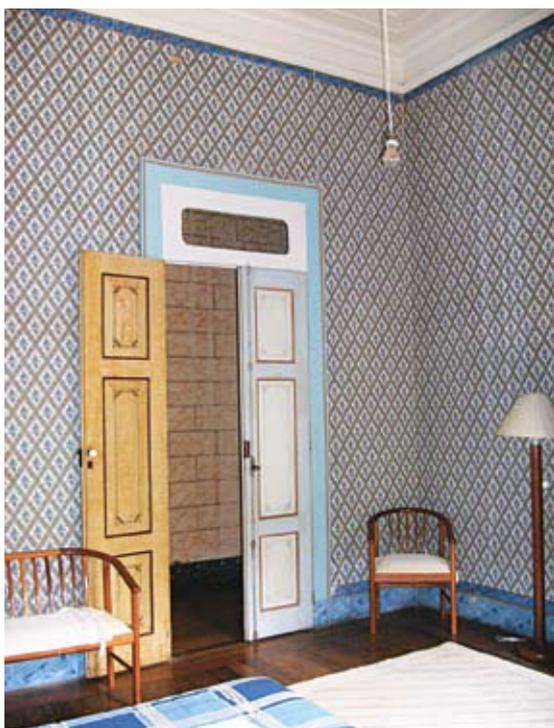
Todas as janelas do sobrado possuem, no largo de seus vãos, soleiras diferenciadas do assoalho encabeirado da casa. Nos quartos, detalhe com a peroba escura e nas salas de visita, jantar, estar, jogos e circulação, a composição é em ladrilhos hidráulicos (f38).



35



36



37



38

O bloco anexo, avarandado, abriga todos os cômodos de serviço, com copa (f39), despensas, cozinha, lavanderia, banheiros, escritório, quartos e depósitos, mantendo todas as esquadrias de verga reta, na cor azul, com guilhotina externa e folhas cegas no interior, sendo as janelas da copa e cozinha gradeadas. Um dos quartos mantém só as folhas cegas e, no banheiro do final da construção, o vão recebe bandeira de vidro. As portas alternam uma folha e duas folhas cegas e, nas despensas, as bandeiras são de vidro (f40).

A copa faz a principal ligação com o sobrado, mantendo portas para a sala de jantar e *hall*, e possui uma parede curva que visou preservar as janelas do *hall* do casarão (f41). A seguir a cozinha e um grande corredor para onde se voltam os cômodos de serviço. Banheiros, copa, cozinha, despensa e lavanderia têm piso de ladrilho cerâmico e paredes azulejadas, com barrado na cor branca. Somente os forros da copa e cozinha são de cedrinho na cor azul, sendo o restante envernizado.

Uma varanda contorna toda a edificação e, na face voltada para o pátio, o acesso para a copa (f42) se dá por escada com dois lances em pedra. Nos fundos e na lateral junto à piscina (f43), a varanda recebe outras escadas. O madeiramento do telhado desse anexo de serviços é aparente pintado de azul, com pilares e guarda-corpo em madeira envernizada e piso em “lajotão”.



39



40



41



42



43

A capela se destaca na paisagem (f44), com o corpo central ladeado pelas sacristias, de telhados independentes, em meia água e mais baixos. Estas possuem acessos externos por portas de folhas cegas, almofadadas, tipo camarão, com sobrevergas em massa. Em seu interior, forro e assoalho simples em madeira, possuindo cada sacristia, uma janela para os fundos, com guilhotinas externas em madeira e vidro e folhas internas cegas. O campanário – com dois sinos mantendo o brasão do Império e datados de 1861 (f45 e f46) – possui revestimento que imita o aparelhamento regular da pedra, apresentando quatro sineiras em arco pleno e cobertura, apoiada sobre entablamento com cimalha e mísulas, revestidas em massa na forma de uma agulha hexagonal, terminada em aros concêntricos encimados por cruz em ferro fundido.

O embasamento, sobre pedra lavrada, apresenta cunhais com bossagem (almofada saliente) e nas laterais básculas de madeira em arco pleno com sobreverga em massa. Observa-se que um dos vãos foi parcialmente obstruído pela parede da sacristia (f47).



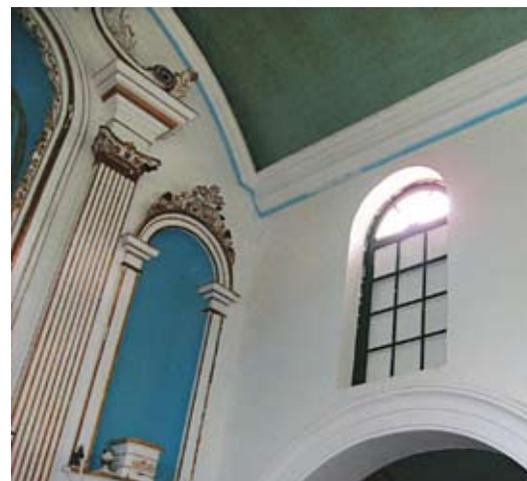
44



45



46



47

O telhado da capela mantém telhas francesas com bom acabamento e calhas embutidas, arrematadas por cimalha, com longos buzinotes que fazem escoar a água pelos fundos (f48).

O meio fio da calçada de entorno, as escadas das sacristias, o patamar de chegada, os degraus e a soleira da capela são em pedra lavrada.

A portada central é robusta, com esquadria de duas folhas almofadadas em arco pleno, mantendo sobreverga que acompanha o vão e cartela central, sendo emoldurado por pilastras com capitéis dóricos. Esta portada é coroada por frontão triangular, que é rompido na sua base horizontal pela cartela e arrematado no seu vértice por volutas. Acima deste, rosácea de vidros coloridos (f49).

No átrio da capela o piso em tabuleiro é de mármore, assim como as pias de água benta e a batismal, esta ornada com relevo na pedra lavrada (denominado “lavor”) (f50). O coro sobre a portada é apoiado por colunas facejadas (seção horizontal octagonal) e com capitéis dóricos, chegando até o teto. Seu acesso dá-se por escada helicoidal em madeira, assim como o assoalho e o forro – onde se tem o acesso à torre – trabalhado em abóbadas de berço. Protege o coro guarda-corpo em balaustrada de madeira maciça, arrematada por peitoril e meias colunas com pinhas de madeira recebendo a cor azul (f51).



48



49



50



51

A nave, de assoalho em tabuado simples, e o forro, de abóbada de berço em madeira na cor verde, mantém separado o corpo central do altar (capela-mor) por balaustrada em madeira envernizada. Vãos em arco pleno dão acesso para as sacristias laterais. O altar da capela de Santa Geneveva revela um bellissimo retábulo, com ricos ornatos de talhas em volutas e florões com douramento. A imagem do orago é em madeira policromada (f52).

Próximo à casa-sede, área de lazer, depósito e garagens, em alvenaria e cobertura com telha capa e bica, possuindo um tanque em pedra (f53), original deste mesmo local. No meio de um arvoredo, temos um canil, galinheiro e curral desativados, além de vestígios de antiga construção, com o afloramento de socos sobre fundação de pedra.

As edificações de serviços, como galpões de depósitos, serraria, garagens, escritório, currais, baias e ordenhas, são de alvenaria com estruturas metálicas e de madeira, pisos cimentados e coberturas de amianto (f54).



52



53



54

O sobrado, muito bem conservado, apresenta em algumas áreas sujidades nas paredes externas (f55) e pulverulência no embasamento (f56). A ação das intempéries compromete a pintura das esquadrias e das paredes (f57), havendo, ainda, a presença danosa de vegetação no telhado e cimalhas (f58).

O madeiramento do telhado do bloco de serviços interferiu na verga da janela, assim como sua cumeeira, que comprometeu uma das janelas do andar superior (f59).

Observa-se a instalação elétrica em conduites aparentes (f60). Na casa-sede, nota-se a presença de algumas fissuras e trincas sobre vergas e parte superior das paredes com o descolamento de rodapés (f61 e f62).

O tabuado de madeira e o forro estão bem conservados. Em alguns pontos as pinturas parietais estão danificadas com remendos (f63) e retoques improvisados (f64). Nota-se ainda o esbranquiçamento proveniente pela ação do tempo. O papel de parede, entretanto, está íntegro, com apenas uma pequena área comprometida (f65).

No banheiro junto ao *hall* do primeiro pavimento, o previsível descolamento da pintura, que impermeabilizou a parede de alvenaria de terra.



55



56



57



58



59



60

Na edificação de serviços, ação de cupins em alguns batentes de portas, ombreiras e caixonetes (f66), sujeidade no forro da cozinha, pequenas fissuras (f67), trincas e pulverulência do emboço, por umidade ascendente (f68).

Na capela, a erosão causada por águas pluviais descalça o entorno da edificação (f69). Há sujeidade e descolamento do emboço nas paredes e embasamento, bem como da pintura nas esquadrias. Marcas de infiltração surgem junto à platibanda das calhas (f70) e observa-se a formação de cupinzeiros na roseta em vitral (f71). Interiormente, o assoalho e rodapé (f72) têm pontos com ação de insetos xilófagos, o forro da nave com sujeidade e nas sacristias, comprometimento com infiltração descendente (f73).

No retábulo, as talhas estão perdendo o brilho do douramento, com a falta de ventilação do ambiente (f74).



61



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72

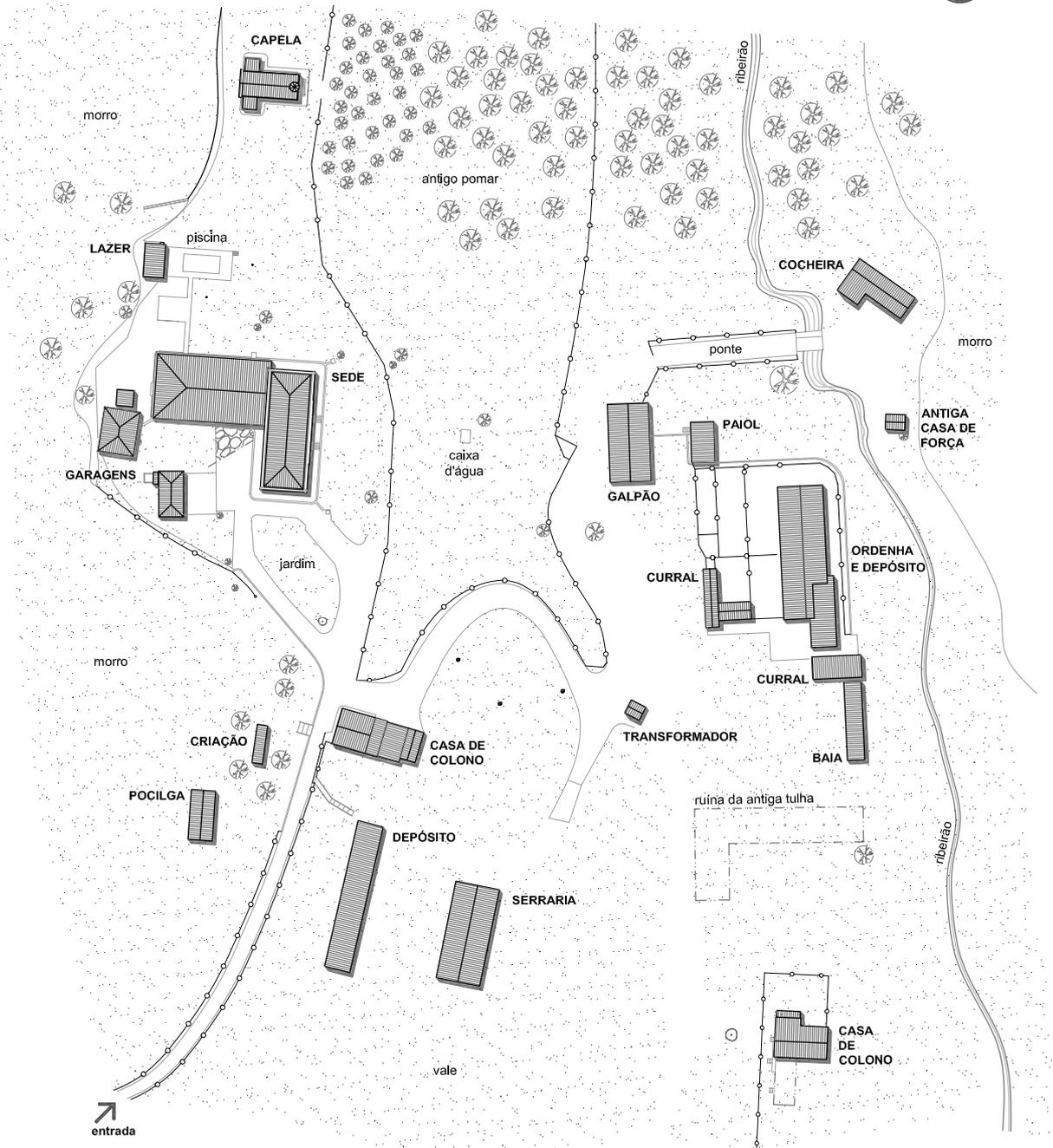


73



74

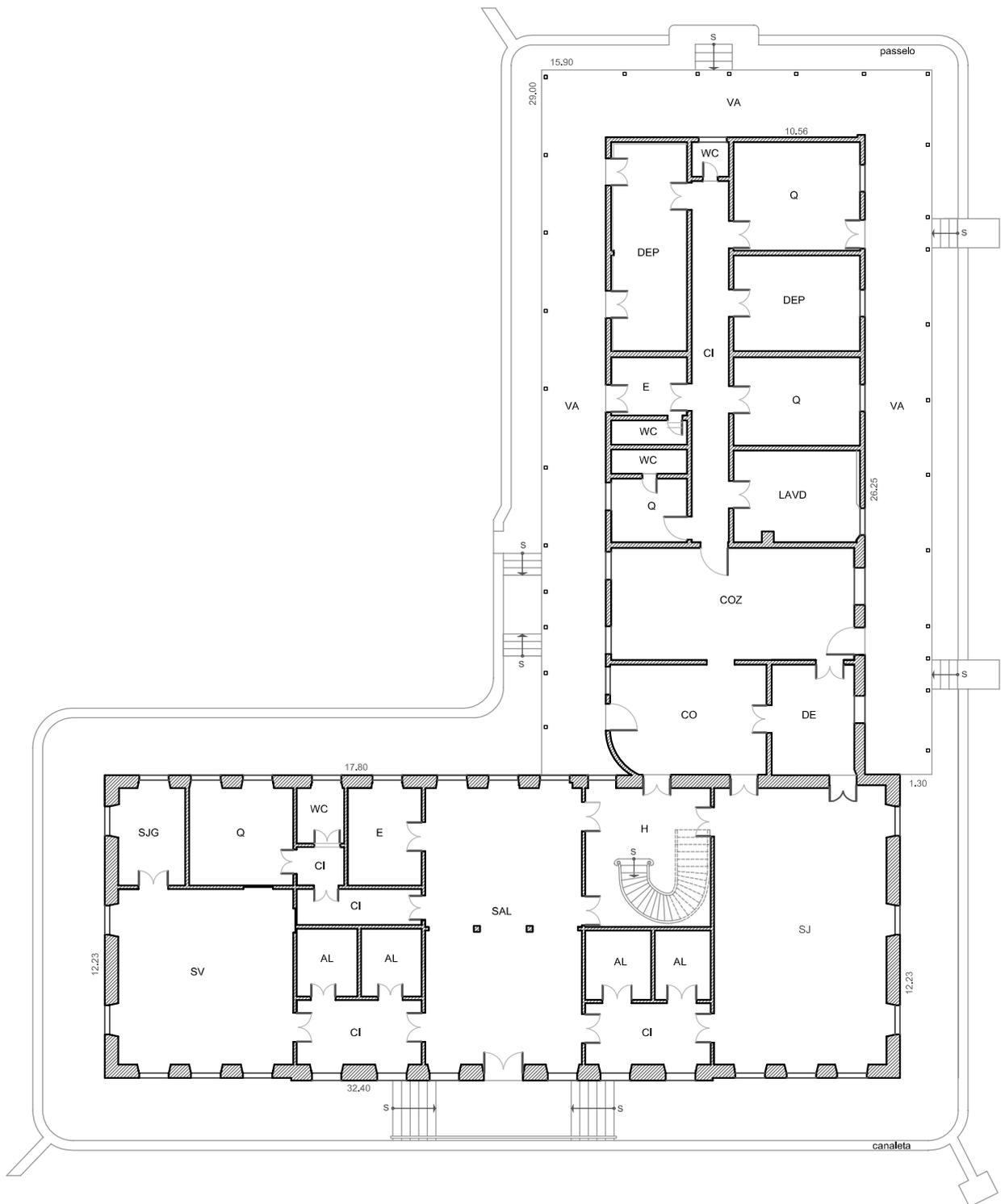
# FAZENDA SANTA GENOVEVA



**1** Implantação  
escala: 1/1750



**FAZENDA SANTA GENEVEVA**



**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/250



AL - alcova	COZ - cozinha	E - escritório	Q - quarto	SJK - sala de jogos	VA - varanda	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	H - hall	SAL - salão	SV - sala de visita		alvenaria demolida
CO - copa	DEP - depósito	LAVD - lavanderia	SJ - sala de jantar	WC - banheiro		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F18 - RF

**2/3**

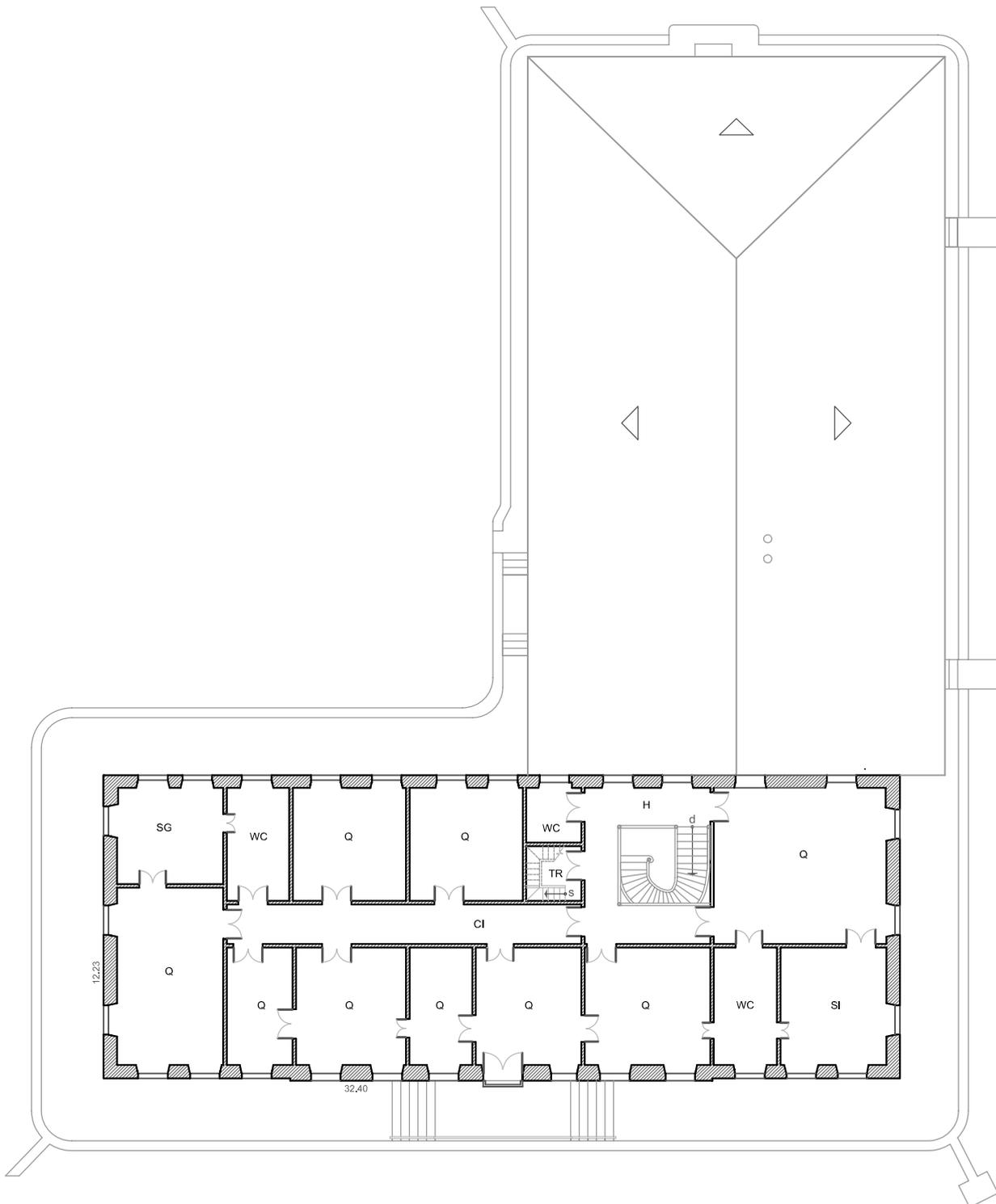
equipe:  
Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius

desenhista:  
Marcos Vinícius Silva Gomes

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
fev 2009

**FAZENDA SANTA GENOVEVA**



**1** Planta Baixa do 1º Pav. - Sede  
escala: 1/250



CI - circulação      SI - sala íntima      Q - quarto      WC - banheiro      alvenaria existente  
H - hall      SG - sala de ginástica      TR - transição

Inicialmente, essa fazenda teve origem em uma gleba de terras que formava um complexo composto por oito sesmarias denominadas Ubá, sendo apenas uma delas denominada Cazal. As terras dessas sesmarias ocupavam toda a vertente do rio Paraíba do Sul, na margem direita e esquerda, na antiga zona do Paty de Ubá, hoje denominada Andrade Pinto. Toda essa imensidão de terras era capitaneada pela fazenda de Ubá, de propriedade de João Rodrigues Pereira de Almeida, o barão de Ubá<sup>1</sup>.

Segundo observações do escritor francês Charles Ribeyrolles, Pereira de Almeida *“não era apenas um agricultor. Era um homem de estudos e de sociedade. D. Pedro I o fez Barão de Ubá por serviços prestados à nação, e foi a ele que Saint Hilaire saudou em seu relato, pela hospitalidade cortês que lhe proporcionou tão gratos dias”*.

O barão de Ubá faleceu em 1830 e as fazendas passaram a seu único filho, José Pereira de Almeida, que, aos poucos, foi vendendo as terras herdadas, ficando apenas com a fazenda de Ubá em Andrade Pinto, município de Vassouras (FERREIRA, 1951).

Em 1862, Domingos Custódio Guimarães, mais tarde barão e posteriormente visconde do Rio Preto, adquiriu de Almeida uma das oito sesmarias, batizando-a com o nome de Santa Genoveva<sup>2</sup>.

Por volta de 1861, sua filha Maria Amélia casou-se com Domingos Theodoro d’Azevedo Júnior, data provável em que receberam a fazenda de Santa Genoveva como dote de casamento. Consta que as terras encontravam-se recobertas por mata virgem, levando-se alguns anos para abri-las. Nesse ínterim, Domingos Theodoro adquiriu em 1865, em hasta pública, a Fazenda do Paraíso, na freguesia de Santa Thereza de Valença<sup>3</sup>. Para não confundir com a fazenda do sogro, mudou então o nome desta para São Polycarpo. Nesta, residiu com a esposa e os filhos até 1870, ano em que provavelmente ficou pronta a majestosa sede da Fazenda Santa Genoveva, uma das mais sofisticadas da época.

Santa Genoveva nasceu moderna, com um dos mais avançados processos de beneficiamento de café<sup>4</sup>. Na fazenda havia uma linha de trilhos por onde corriam bondes puxados por animais, e que interligava Santa Genoveva a outras propriedades e à estação ferroviária de Santa Rosa. Segundo Eloy de Andrade, em sua obra *“O Vale do Paraíba”*, Azevedo Júnior importou da Inglaterra as melhores raças de porcos, favorecendo aos vizinhos a aquisição de reprodutores, além de gado de raça e equinos puro sangue.

Portador da Comenda Ordem da Rosa, Azevedo Júnior era também capitalista, além de fazendeiro, e foi um dos fundadores da Companhia Estrada de Ferro Rio das Flores, da qual foi presidente durante vários anos. Aumentou sua fortuna após o falecimento do sogro, em 1868, tornando-se um dos homens mais ricos da região<sup>5</sup>.

Quando o café entrou em decadência e a situação se agravou com a abolição da escravatura em 1888, Azevedo Júnior tentou aliviar suas finanças empregando em suas fazendas várias famílias de imigrantes italianos (IÓRIO, 1953).

Com o advento da República, a família Azevedo Júnior passou a viver mais na Capital Federal do que na fazenda, realizando constantes viagens à Europa, onde os filhos estudavam. Nessa época o comendador Azevedo Júnior fundou o grupo *“Companhia Agrícola Alto Parahyba”*, com sede em Niterói, para o qual vendeu, em 1890, as fazendas Santa Genoveva e Loanda, adquirindo para essa mesma firma as fazendas Santa Rosa e Santa Luiza. Esta última tornou-se a principal sede da família, em cuja posse os descendentes permanecem até os dias atuais. Com a crise do *“Encilhamento”* nos últimos anos do século XIX, a falência da companhia foi inevitável e todas essas fazendas retornaram para a família.

Após o falecimento do comendador, em 1913, as fazendas foram divididas entre seus dez filhos. Santa Genoveva e Santa Rosa foram herdadas pelo filho Dr. Domingos Theodoro Guimarães d’Azevedo. Após seu falecimento, em 1953, elas passaram para os netos Léo Theodoro, Maria Thereza e Maria Helena d’Azevedo<sup>6</sup>.

Em 1958, através de arrematação, Santa Genoveva foi adquirida pelos sócios: Olímpio Lopes Machado, Dr. Osolando J. Machado e Isenio Duarte Coutinho. Em 1961, Olímpio doou a sua parte a Osolando. Santa Genoveva ficaria nessa família até 1984, quando foi vendida pelo casal Osolando e Osalina Machado à firma Triferro Agropecuária LTDA, que, por sua vez, vendeu-a, em 1990, aos atuais proprietários da Agropecuária Santa Genoveva<sup>7</sup>.

<sup>1</sup>Registro Paroquial de Terras. Propriedade de João Pereira d’Almeida. Fazendas Ubá e Cazal (8 sesmarias). Registro feito em 29 de julho de 1856, no Livro 88, Registro 292, p. 64, reg. 292. Freguesia de Santa Thereza, município de Valença. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

<sup>2</sup>Livro de Escritura de Compra e Venda, 8 (1855 – 1866), folhas 51v e 52. Cartório do 1º Ofício de Notas de Valença. Gentilmente cedida por Roberto Guião de Souza Lima.

<sup>3</sup>Inventário de Antônio Correa d’Azevedo e Francisco Correa d’Azevedo – 1865, Processo n. 1164 cx 120. Museu da Justiça – Rio de Janeiro

<sup>4</sup>Para ilustrar, temos aqui um artigo publicado no Jornal *O Vassourense*, Anno II. N.º 40, 30/09/1883, pág. 3, sobre a inauguração de um moderno maquinário de beneficiamento de café na fazenda, que diz o seguinte: *“Agricultura Festa agrícola No dia 3 do corrente, na Fazenda Santa Genoveva, de propriedade do opulento e estimável lavrador Sr. commendador Domingos Theodoro de Azevedo Junior, teve lugar uma dessas festas agrícolas que assignalão o grau de adiantamento d’aquelles que os provam, batendo os preconceitos da velha rotina com as armas invencíveis do progresso. Refirimo-nos á inauguração de uma machina de seccar café, invenção acreditada dos srs.*

*Taunay & Telles, de que fez aquisição o sr. commendador Domingos Theodoro, a cuja festa assistirão os seus autores, a imprensa diaria da Côrte, representada por seus reporteres, festa que encheu de jubilo o proprietário da fazenda e todos os convidados que virão o trabalho e tomárão parte no banquete commemorativo. Não tivemos a honra de assistil-a; mas a julgar pela opinião dos jornais da Côrte, acreditamos ter sido uma das mais brilhantes festas da lavoura. Era geralmente conhecida a esclarecida intelligencia do prestimoso fazendeiro, que por mais de um titulo se recommenda á nossa consideração e á nossa estima; mas este facto memorável traz-nos também a convicção de que é um dos fazendeiros que procura collocar-se na vanguarda do progresso, levando assim a animação e a coragem aquelles dos seus collegas que os reclames da imprensa e a realidade dos factos não poderão ainda afastar da velha escola agrícola. Não nos surpreendeu o cavalheirismo e o trato ameno que tanto captivarão os representantes da imprensa da Côrte e os convidados da festa, pois que são quase proverbiaes as maneiras affaveis e as qualidades pessoaes de que faz garbo o estimado fazendeiro. Tivemos motivo de contentamento, por saber que o municipio de Valença, e muito particularmente a sua lavoura, procura erguer-se do seu atrazo, do seu abatimento, ostentando galhardamente a par dos melhoramentos que promove que o bom preparo dos seus productos, os sentimentos de philantropia, diremos mais, os sentimentos de paternidade, para com os infelizes que, companheiros nos labores insanos do trabalho agrícola, regosijão-se e aplaudem com a effusão das almas generosas e puras, todos os factos que elevão e fazem a prosperidade do seu senhor, que dissemos? Do seu melhor amigo. Este facto não passou desapercibido da imprensa livre, que lá no centro mesmo da grita abolicionista, fez valer o character e os nobres sentimentos do fazendeiro intelligente e humanitário. Não sabíamos que o illustrado fazendeiro sr. dr. Braz Carneiro Nogueira da Gama, tinha já montado em sua fazenda uma dessas machinas, que se constituiu o melhor e o mais indispensável auxiliar do lavrador. A elle pois também as nossas felicitações, os nossos applausos. A Tribuna, regosija-se sempre que tem occasião de registrar em sua colimnas um melhoramento para o municipio de que é órgão, e como prova do jubilo de que se possuiu, aqui transcrevemos todos os artigos em sua integra publicados em edictoriaes dos diversos e conceituados órgãos da imprensa da Côrte. É esta a maior demonstração de sympatia que podemos dar aos illustres fazendeiros, e também aos autores da maravilhosa machina. Guilherme Lopes (Da Tribuna, de Valença). Gentilmente cedido pela professora Leila Vilela Alegrio.*

<sup>5</sup>Em 1883, comendador Domingos Teodoro, participou com amostra de café, na Exposição Internacional de Amsterdam, onde recebeu menção honrosa, cujo prêmio foi conferido pelo Júri Internacional das Recompensas aos Produtos do Brasil em Amsterdam, por iniciativa do Centro da Lavoura e Comercio do Rio de Janeiro

<sup>6</sup>Escritura de Compra e venda. Livro 2C – 136 –2F\ Livro 3N – 016 – 3 \ Livro 3C – 137 – 16. Cartório do Officio Único de Rio das Flores.

<sup>7</sup>Idem.